

EDUCAÇÃO, CULTURA E ÉTICA: UM RECORTE DAS PESQUISAS NO BRASIL SOBRE BULLYING NAS ESCOLAS

EDUCATION, CULTURE AND ETHICS: A CUT OF RESEARCH IN BRAZIL ON BULLYING IN SCHOOLS

William de Goes Ribeiro¹

Resumo

O objetivo da presente pesquisa foi identificar no campo da educação estudos que tivessem como objeto de análise a temática das práticas de *bullying* nas escolas. O assunto ganhou ampla repercussão nas mídias, sobretudo associado a um cenário de violência extrema como assassinatos seguidos de suicídio. Alguns episódios graves têm ocorrido no contexto nacional, gerando como efeito múltiplas opiniões e debates. Por se tratar de aspectos presentes nas relações humanas em um cenário de violência, entendemos que o tema está relacionado à cultura e à ética. Todavia, o mesmo ainda não se confirma nos estudos encontrados. Utilizamos resumos das dissertações e teses; produções em alguns periódicos centrais e as reuniões da ANPEd como objeto de discussão. Destacamos que se trata de um tema muito recente e incipiente na produção acadêmica no Brasil, tendo início apenas em meados dos anos 2000. No que tange às dissertações e teses, há um volume de pesquisas que até superaram o campo da psicologia, de onde se espera que tenha tido início o debate. No entanto, os outros espaços de legitimação não permitem amplo trabalho de análise. Nesse sentido, há que se considerar o tempo de produção diferenciado entre eles. Muitas pesquisas podem ser desenvolvidas, explorando os discursos que visam se contrapor às práticas de *bullying*, ou seja, as ênfases priorizadas no seu enfrentamento, bem como os antagonismos, os silêncios e as omissões de outras possibilidades e articulações.

Palavras-chave: Educação. Ética. Cultura.

Abstract

The aim of this research was to identify in the field of education studies that had as object of analysis the theme of bullying practices in schools. The topic was widely reported in the media, particularly associated with a scenario of extreme violence followed as suicide murders. Some serious episodes have occurred in the national context, generating as many opinions and debates effect. Because it is aspects present in human relationships against a backdrop of violence, we understand that the issue is related to culture and ethics. However, it still is not confirmed in studies found. We use abstracts of dissertations and theses; productions in some central and periodic meetings of ANPEd as a subject of discussion. We emphasize that this is a very recent and incipient theme in academic production in Brazil, starting only in the mid-2000s Regarding the theses and dissertations, there is a body of research that even surpassed the field of psychology, where one expected to have begun the debate. However, other legitimate large spaces do not enable analysis work. In this sense, it must consider the different production time between them. Much research can be developed, exploring the speeches aimed at countering the bullying practices, ie the emphasis prioritized in its confrontation and antagonism, the silences and omissions of other possibilities and joints.

Keywords: Education. Ethics. Culture.

¹ IEAR/ UFF

Introdução

Discutir educação hoje nos convida a um universo complexo, no qual há múltiplas disputas de sentido. Diante disto, levar em apreço uma abordagem da “cultura” e da “ética” para articulá-las na atual conjuntura não é algo simples, pois existem contribuições acadêmicas, mas igualmente percursos sinuosos. Somam-se ao desafio do estudo, as lacunas na produção do conhecimento, uma vez que o debate sobre valores vem sendo construído com base em uma racionalidade em crise em nossos dias. No entanto, organizações cujos fins são pedagógicos trilham caminhos pela intencionalidade de se (re) construir visões de mundo, ou seja, interferem em concepções éticas, seja negando, afirmando ou contribuindo para a revisão delas. Conforme La Taille (2012), a escola é uma “usina de sentidos”, na qual crianças não são matriculadas para saírem inalteradas. Embora não seja o único espaço de legitimação, pressupõe tratar de uma ambiência privilegiada na formação humana. O tempo investido na escola influencia, inexoravelmente, a vida de quem por ela passa (MOITA LOPES, 2002).

Nesse sentido, em uma sociedade multiculturalⁱ, como tem sido conduzida a negociação das diferenças a partir das práticas de *bullying*ⁱⁱ nas escolas? Quais sentidos estão em jogo nesse debate proliferado nos variados espaços sociais? Como modificar opiniões cristalizadas em uma cultura etnocêntrica e intransigente? Até que ponto é factível promover, através da educação escolar, um processo de afirmação positiva da alteridade?

Sem a pretensão de encontrar respostas definitivas, o objetivo do atual estudo foi identificar a temática na produção acadêmica em educação, considerando as pesquisas no Brasil. Para tal, teço algumas articulações teórico-metodológicas que conduziram a leitura proposta. A seguir, articulo os fios de análise no que tange à discussão. Finalizo a argumentação com considerações provisórias a respeito do assunto, salientando as lacunas que podem ser exploradas em futuras pesquisas.

Escola, cultura(s) e ética: o caminho inicia na polissemia

Segundo autores como Cevasco (2003) e Cuche (2002) a história da palavra “cultura” nasce com a ideia de “cultivar”, presente já na literatura do século XV, antes mesmo de se tornar um “conceito científico”. Utilizamos esse sentido na concepção de “cultivo” de terra, de flores e de animais. Paulatinamente, cultura ganhou o sentido metafórico de “cultivo da mente”, a partir do século XVIII, conforme os referidos pesquisadores. Nesse ponto de vista, apenas alguns indivíduos, grupos, classes sociais ou nações são detentores de elevado padrão de civilização.

Na Alemanha, conforme apresenta Cevasco (*op. cit.*), emerge um sentido relativista, *kultur* que se opõe à visão anteriormente descrita, de influência francesa. Para os alemães, sobretudo os intelectuais da época, cultura está associada ao estilo de cada nação. Já o Iluminismo, se constituiu com base na crença na “razão” como principal alicerce de “desenvolvimento humano”. A comunidade europeia, de uma maneira geral, costuma estar posicionada no “topo mais elevado”, ideia que deu margem às concepções eurocêntricas de parte dos pensadores por séculos. Destarte, a razão nos conduz à Cultura (da humanidade) que é, evidentemente, usada no singular, cerne da dualidade entre “civilizados” e “bárbaros”.

Outro sentido, originado na Antropologia, afirma ser cultura “tudo o que o homem produz” (DAUSTER, 2011). Segundo a referida antropóloga, não há nada que não seja cultural. Cultura seria um objeto epistemológico, tal como se estivesse “fora” a ser apreendido pelo pesquisador que buscará interpretar uma “realidade que é diversa”. Deste modo, cultura engloba a ética. Assim, podemos considerar a “unidade na diversidade” como pressuposto. Fala-se, então, em culturas, no plural, sustentadas na dualidade entre cultura (s) e natureza. O último sentido que destaque remete a ideia de “significados partilhados” (GEERTZ, 1989), o que nos aproxima da “virada linguística”ⁱⁱⁱⁱ, isso quer dizer que a preocupação não é mais o que a cultura é, tal qual um subproduto das estruturas de dominação capitalista, mas o que ela faz (HALL, 1997; SILVA, 2010). Ou seja, a dimensão cultural das práticas sociais ocupa o foco da discussão. Numa concepção pós-estruturalista: não há dimensão humana que não passe pela linguagem, enunciada como “prática de significação” (BHABHA, 1998; HALL, 1997, 2003).

Nessa perspectiva, não existe um sujeito fora das relações que o produz. Opera-se com as identificações sem uma essência, tal como imagens contingentes que permitem uma “posição assumida” em função das distintas lutas sociais (HALL, 2007; SILVA, 2007). Diz respeito, portanto, a sistemas de representação que operam na disputa de sentido, construídos nas práticas de enunciação dos discursos. Isso significa que a questão política não se encontra em um *significante em si*, seja ele a cor da pele, o gênero, a sexualidade ou outro. Em resumo, não é uma condição dada *a priori*, mas reiterada discursivamente a partir das relações que se estabelecem. Entendemos cultura, portanto, como uma prática de significação, efeito de relações de poder (BHABHA, 1998).

No que tange à ética e à moral, não encontramos consenso entre os autores para distingui-las, tampouco na sociedade. Ética e moral também sofreram/ sofrem distintas interpretações, podendo ser utilizadas em termos intercambiáveis, ou não. De toda forma, nos aproximamos do debate quando refletimos sobre as dificuldades nas relações, em especial a respeito das diferenças

e da negação “do outro”, além de pensarmos nos limites do conceito antropológico de cultura, hoje desdobrado para a esfera política (SILVA, 2010).

Nesse sentido, questiono: como atuar quando *a diversidade cultural* inclui a sua própria negação? E com relação a uma cultura intolerante, em que medida é possível construir critérios limites? A violência não teria também uma dimensão cultural? Tais problematizações trazem à baila perspectivas filosóficas que tomam essa discussão como objeto de estudo. O intuito foi articular um sentido de ética e de moral que possibilite o trabalho com a perspectiva de cultura anteriormente destacada.

La Taille (2006) e Tugendhat (2009) esclarecem que “ética” se origina no grego por intermédio do filósofo Aristóteles - o estudo do *ethos* - que diz respeito a dois significados originais: “Hábitos ou costumes” e “qualidade do caráter”. Informam ainda os autores que, ao ser traduzido para o latim, o mencionado termo dá origem à palavra “morales”, não diferindo do significado de “hábitos ou costumes”. Isso quer dizer que, conforme argumentaram ambos os pensadores contemporâneos, a etimologia não ajuda a compreender a distinção entre ética e moral.

Um sentido clássico dentro da filosofia, porém, compreende a moral como um fenômeno social, através do qual as pessoas estabelecem e/ ou ressignificam princípios, deveres, limites, direitos, regras de convivência, escolhas, condutas; enquanto a ética seria a reflexão (científica ou filosófica) sobre a moral. Há uma distinção, nesse caso, construída por muitos filósofos e pesquisadores, a partir da qual se sustenta uma dicotomia entre o pensar e o agir. Por exemplo, autores como Japiassú e Marcondes (2006, p. 97) entendem que enquanto a moral “está mais preocupada na construção de um conjunto de prescrições destinadas a assegurar uma vida em comum justa e harmoniosa”, a ética abarca o universo dos costumes. Nesse caso, a ética seria definida fora da cultura, cabendo aos acadêmicos fundamentá-la *a priori*, isto é, independente das contingências e escolhas dos sujeitos. Outra característica dessa separação entre ética e moral é que ela se baseia em um tipo de filosofia que se sustenta no “lugar da qualidade”^{iv}, ou seja, independente do que as pessoas pensam, uma única mente pode ser capaz de universalizar normas de conduta para todos, exclusivamente *pela razão*. Hoje, seria difícil esperar que elas fossem aderidas por todos. Como ficaríamos diante da reivindicação dos diversos movimentos sociais em termos de legitimidade de suas culturas? É possível sustentar uma ética universalista *a priori*? Quais seriam os critérios que justificariam tal ética atemporal, a-histórica e transcultural, e daria ao filósofo (e/ ou educador) o poder de definir todas as escolhas humanas?

Outro sentido atribuído à distinção entre ética e moral não diz respeito tanto ao sentido, mas à aplicação dos conceitos (LA TAILLE, 2006). A preocupação é delimitar a “ação moral” para os “fins privados”, minimizando a interferência alheia nas decisões das instituições, como a família, por exemplo, enquanto a ética estaria, nessa perspectiva, voltada para a “aplicação pública”. É o caso dos “códigos de ética” que buscam orientar as decisões que supostamente atenderiam aos interesses da sociedade. Interessante observar que alguns diferenciam ética de moral justamente por acreditar que apenas esta última teria um caráter normativo. Ora, os códigos de ética são indubitavelmente normativos. Trata-se, portanto, de mais uma convenção que se aplica apenas a determinados contextos sociais.

Por estes motivos, considerando o enfoque da atual pesquisa que se ocupa das escolhas, das opiniões dos sujeitos, da busca do verossímil e do plausível diante das decisões acerca da vida social e dos conflitos, me situo em uma quarta convenção. Conforme ressalta Oliveira (2012): “tomamos, então, ética e moral como instâncias intercambiáveis que se referem aos mesmos objetos: valores, hierarquias de valores, princípios e hábitos que orientam as reflexões do homem no contexto de suas múltiplas relações” (p. 124). Além dessa referência, autores como Valls (2008), Goergen (2005) e Tugendhat (2009) chamam a atenção para o fato da distinção em questão não se fazer valer nem pela etimologia, tampouco por uma construção verdadeira, tornando arbitrária a adesão do autor.

Não obstante, penso em ética/ moral como uma prática de enunciação específica, individual e coletiva, passível de receber uma contribuição da escola. Porém, cômico de que valores éticos não são enunciados socialmente fora das relações de poder, portanto, qualquer proposta se dá por intermédio de uma discussão política constante, uma vez se tratando de embates entre sentidos. Este debate ganha hoje contornos distintos: enquanto alguns esperam uma abordagem salvacionista, as quais resgatariam os valores saudosistas; outros tantos costumam não esperar nada mais, já que dentro do sistema capitalista não seria possível, segundo eles, pensar em ética. Extremos postos à margem, o espaço escolar pode ser um *locus* a partir do qual as diferenças podem ser negociadas (MEYER, 2007a, 2007b).

Aspectos metodológicos

Tendo em vista ressaltar o momento de emergência de discussão das práticas *bullying*, objeto de estudo, pensei em tecer algumas considerações a respeito das pesquisas sobre tal tema no Brasil. Em função disso, tracei um mapeamento não exaustivo, mas elemento pertinente, para

três instâncias acadêmicas: as dissertações e as teses, os periódicos e os encontros entre pesquisadores em educação.

A leitura completa das dissertações e teses traria ao campo uma grande contribuição, mas trabalho tão extenso esbarra em limitações, inclusive de tempo. Optei por uma forma mais modesta: uma leitura dos resumos dispostos pela CAPES. Entendo que, apesar de resumos, e nem todos se apresentam da maneira como desejamos, eles indicam alguns caminhos gerais sobre a pesquisa em educação. Ademais, as limitações foram amenizadas pela complementação de uma leitura completa do assunto a partir de alguns dos principais periódicos acadêmicos em educação, quais sejam: *Revista Brasileira de Educação*; *Cadernos de Pesquisa*; *Cadernos CEDES*; *Revista Educação e Sociedade e Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. Decidi cômico de que outras poderiam contribuir. Embora também pudessem contribuir muitos encontros relevantes em educação, optei pelo enfoque nas publicações das reuniões anuais da ANPEd, em função de sua força histórica como instância legitimadora no campo. Penso que a escolha aludida trouxe alguns elementos que ajudam a compreender melhor em que medida se situa a produção acadêmica sobre o assunto no Brasil, em especial na área de educação.

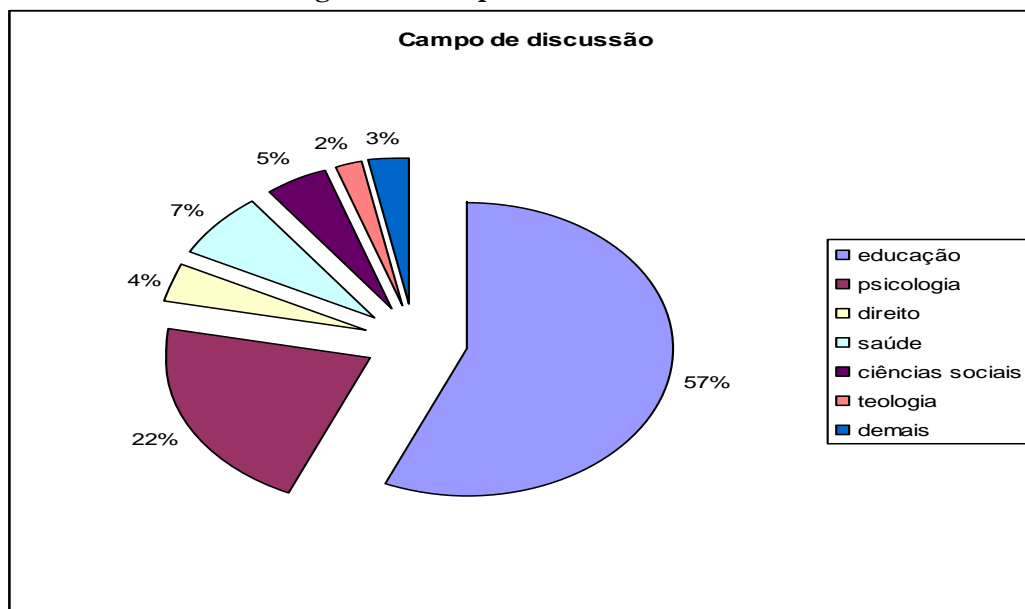
Os textos selecionados dos periódicos e dos GTs da ANPEd foram encontrados a partir dos seguintes descritores: “*bullying*”, “assédio moral” e “intimidação”, em seus respectivos endereços eletrônicos, assim também foi feito com as dissertações e teses. Porém, como poucos foram encontrados naqueles espaços, cumpre informar que também incluí como descritor a palavra “violência”. Todos os estudos encontrados passaram a fazer parte do atual trabalho. Neles, busquei menções explícitas e referências ao *bullying*. O objetivo foi perceber em que medida a construção do debate estava, ou não, provocando os pesquisadores, tanto nos periódicos em educação quanto nos grupos de trabalho de um evento relevante no cenário educacional brasileiro.

As pesquisas sobre *bullying* em educação (2001- 2012)

Encontram-se disponíveis, no período, 96 dissertações e teses (DTs) sobre o assunto no Brasil. Utilizei todo o material do instrumento da CAPES disponível até 2012^v. Conforme salientado em outro momento (RIBEIRO, 2014), a temática emerge no início do milênio (duas teses e uma dissertação pioneiras são defendidas em 2004), o que se confirmou nos demais espaços de legitimação estudados. Outro aspecto a destacar, é que mais da metade dessas pesquisas se concentra nos três últimos anos. Conforme assinalado anteriormente (RIBEIRO, *op.*

cit.), o assunto apresenta-se disperso em muitas universidades do país, se trata de um tema pouco explorado, cuja produção, embora emergente, é incipiente dada à complexidade.

Figura 1 – Campo de discussão



Fonte: tese defendida em março de 2014^{vi}.

A figura 1 ajuda a visualizar os principais campos de discussão. É interessante notar que a educação está ampliando o espaço no debate, ainda que não encontremos uma correspondência nos periódicos e nos GTs (RIBEIRO, 2014). Na ocasião, a pesquisa educacional estava com aproximadamente 57% do total (54 estudos). O dado é particularmente importante já que penso ser pertinente haver uma participação dos pesquisadores em educação na discussão, uma vez que a escola é considerada central em grande parte das argumentações.

Somando os dois principais campos nas DTs (educação e psicologia), as pesquisas perfazem 79% do total. Haja vista o exposto, o enriquecimento complementar entre as duas grandes áreas de conhecimento para compreensão do fenômeno é essencial. Todavia, ao se tratar da complexidade, podemos contar com a contribuição de outros, por exemplo, o caso das demais áreas da Saúde, que no levantamento apresentam 7% do total, das Ciências Sociais com 5%, do Direito com 4% e dos demais que estariam com 5%. Por se tratar de uma discussão nova no Brasil, é possível que as áreas de menor frequência aumentem sua produção e outras áreas cresçam no debate.

No que tange aos aspectos teórico - metodológicos, a grande maioria das pesquisas se concentram em estudos qualitativos (vinte e três), seguidos de trabalhos quantitativos (cinco) e quali-quantitativos (quatro), cujos instrumentos foram bem variados: entrevistas (treze), questionários

(sete), estudo de caso (oito), grupo focal (sete), observação participante (nove), história de vida (três), análise documental (um), etnografia (um), pesquisa-ação (um), relatos escritos (um) e análise narrativa (um).

Realço que a dispersão não inviabiliza o conjunto, pelo contrário, o enriquece por compor várias possibilidades e ângulos das questões. Podemos inferir que tais pesquisas acompanham o próprio movimento da área educacional e das Ciências Humanas. Com o crescimento do número de estudos, os instrumentos de menor menção, tais como história de vida, pesquisa-ação, etnografia, por exemplo, podem contribuir para melhor entendimento do tema. O quadro teórico não podia ser diferente: desde a Psicologia Genética aos Estudos Culturais, críticos e pós-críticos. Foram citados: Piaget, Kohlberg, Wallon, Adorno, Paulo Freire, Norbert Elias, Mezinski, Charlot, por exemplo. Com base nisso, são variadas as concepções de violência em jogo, articuladas a aspectos como “ideal civilizatório”, “desenvolvimento moral”, mas também “diversidade sexual”, “raça”, “gênero” etc.

Se nas dissertações e teses o primeiro trabalho data de 2004, nos periódicos a publicação pioneira emerge em 2006 em *Cadernos de Pesquisa*. Já na ANPED, o primeiro estudo que menciona algo relacionado ao tema *bullying* (no caso usando o termo “intimidação”) emerge em 2001 no GT 14 (sociologia da educação), todavia apenas em 2011 há uma pesquisa que discute explicitamente o *bullying*, GT 20 (psicologia da educação). Isso reforça a afirmação anterior de que estudos com essa temática em educação no Brasil são muito recentes, bem como incipientes. As seguintes tabelas 1 e 2 destacam a distribuição anual desses estudos desde a emergência nesses espaços.

Tabela 1 – Distribuição das menções explícitas da temática nos periódicos

| Ano | Autores | Periódicos | Referências |
|------|----------------------|----------------------|-----------------|
| 2006 | Marriel <i>et al</i> | Cadernos de Pesquisa | <i>bullying</i> |
| 2007 | Chrispino | Ensaio | Apenas menciona |
| 2008 | Chrispino e Dusi | Ensaio | Apenas menciona |
| 2008 | Zuin | Educação e Sociedade | <i>bullying</i> |
| 2009 | Pinheiro e Willians | Cadernos de Pesquisa | <i>bullying</i> |
| 2009 | Gomes e Pereira | Cadernos de Pesquisa | Apenas menciona |
| 2010 | Galvão <i>et al</i> | Ensaio | <i>bullying</i> |
| 2010 | Pigatto | Ensaio | <i>bullying</i> |
| 2012 | Quezada | Ensaio | Apenas menciona |
| 2012 | Lopes e Gomes | Ensaio | <i>bullying</i> |

Fonte: tese defendida em março de 2014^{vii}.

Tabela 2 – Distribuição das menções explícitas da temática nos GTs da ANPED

| Ano | Autores | GT | Referências |
|------|---------|----|-----------------|
| 2001 | Camacho | 14 | Apenas menciona |
| 2003 | Tigre | 14 | Apenas menciona |

| | | | |
|------|----------------------------|----|-----------------|
| 2003 | Santo | 14 | Apenas menciona |
| 2003 | Coleta e Miranda | 20 | Assédio moral |
| 2005 | Nogueira e Pimenta | 14 | Apenas menciona |
| 2006 | Lobato | 20 | <i>bullying</i> |
| 2011 | Barros | 20 | <i>bullying</i> |
| 2012 | Neves | 23 | Apenas menciona |
| 2013 | Menin, Trevisol e Bataglia | 20 | Apenas menciona |

Fonte: tese defendida em março de 2014^{viii}.

No que concerne aos periódicos, podemos perceber que são poucos os estudos disponíveis, todavia ganham relevo recentemente, com destaque para a revista *Ensaio* que possui seis publicações, dentre elas, duas introduziram o assunto com as referências para as citações. Saliento ainda a ausência de publicações nas demais revistas: *Revista Brasileira de Educação* e *CEDES*. Na ANPEd, o tema é mencionado algumas vezes, contudo enfrentado em sua particularidade apenas em uma única ocasião no GT 20, que trata da psicologia em educação (BARROS, 2011). Em grande medida, a preocupação com a escola e com o seu cotidiano escolar é central, seja nas revistas ou na Associação. A exceção trata de “assédio moral” na universidade, ademais, vale destacar que permanece a relevância da “sociedade” e da “diferença” nesse cenário, embora os estudos sejam muito poucos para inferências a esse respeito.

No que tange à cultura, apenas um destes estudos a inclui explicitamente (PIGATTO, 2010). Entretanto, as categorias *identidade*, *diferença*, *diversidade*, *pluralidade* são mencionadas em alguns momentos. De maneira explícita, não há nenhum estudo sobre o debate multicultural nas pesquisas da ANPEd que trata sobre a referida questão. Porém, a relação encontrada entre discriminação étnico-racial, *bullying* e cotidiano escolar (BARROS, *op. cit.*), me permite considerar o referido estudo com um potencial multicultural^{ix}. Cabe destacar que tal estudo não tinha a pretensão de pesquisar a temática (nem *bullying* e nem relações étnico-raciais), no entanto ela emergiu do/ no cotidiano da escola a partir da metodologia utilizada, que foi a de pesquisa-intervenção. Conforme Barros explica: enquanto a pesquisa-ação tem como norte a mudança de algum *a priori*, a pesquisa-intervenção se preocupa com o movimento, com o cotidiano escolar. Ou seja, ela não tem um alvo e/ ou origem.

Já o campo da ética/ moral surge em vários momentos apenas com menções esporádicas à justiça, a direitos, à solidariedade etc. Porém, discussões a esse respeito são raríssimas, com exceção da que trata do assédio moral e outra sobre experiências positivas com educação moral na escola. Entretanto, esta última não entra no debate do *bullying* especificamente.

Há uma dimensão bem menor para avaliar os quadros teóricos e os instrumentos metodológicos quando comparados a 96 estudos das dissertações e teses. Limito-me a interpretar algumas possíveis tendências, pois considero apenas os trabalhos dos GTs (dois) e dos periódicos (cinco) que tinham referências sobre *bullying* e termos próximos (assédio moral, intimidação, humilhação). Já os demais (encontrados a partir do descritor “violência”), trouxe para a discussão apenas aqueles que, após o estudo, teciam reflexões que podiam contribuir com a presente pesquisa.

Dos sete encontrados, a metodologia quantitativa foi predominante (cinco), em detrimento de apenas um estudo de ordem qualitativa e outro qualitativo-quantitativo. Já os instrumentos percebidos foram: 1) questionários, escalas e formulários (maior parte deles); 2) entrevista semi-estruturada (um estudo); 3) história de vida (um estudo). Há também um trabalho bibliográfico. No que diz respeito às referências, alguns citam autores da educação e da sociologia, mas também trabalhos da psicologia, psiquiatria e saúde coletiva. Posso destacar alguns (citados mais de uma vez): Sposito; Debarbieux; Abramovay; Lopes, Aramis e Saavedra; Lopes e Saavedra; Olweus; Charlot; Nietzsche; Chrispino; Adorno. Nas revistas e nos textos dos GTs, alguns autores são recorrentes no que tange à comparação com as DTs, mas outros não. Deste modo, este breve panorama já permite inferir a respeito da complexidade do tema.

Nesse contexto, *bullying* é sustentado como possível veículo de explicação de um fenômeno presente nas relações sociais. Em alguns momentos o enfoque recai sobre as “carências” da escola. Com especial relevância, a formação docente é percebida nesses poucos estudos como um problema, uma vez que se enfatiza o “despreparo dos docentes” para lidar com a questão. Porém, não encontrei estudo que trate do assunto no GT específico da ANPEd (8), até mesmo sobre violência em seus aspectos gerais.

Concernente à comparação numérica entre os campos da psicologia e da educação, desta vez considerando apenas as revistas acadêmicas e as reuniões da ANPEd, o que vimos em relação às DTs, sobre o percentual superior do campo educacional, certamente não se confirma. A psicologia já tem uma ampla produção sobre a questão nesses espaços (revistas indexadas e eventos da área). O mesmo pode ser dito em relação a livros publicados a respeito. Por fim, também não foram encontradas análises a respeito de qualquer programa desenvolvido cujo foco de interesse tenha sido construir práticas antibullying na escola, como não encontrei estudos sobre políticas públicas nesse sentido.

Em resumo, a temática emerge no presente milênio nas produções acadêmicas brasileiras. Porém, enquanto nas dissertações e teses já há um número avolumado de estudos priorizados no

campo da educação (até superior à produção da psicologia), o mesmo ainda não ocorreu em alguns dos principais periódicos do contexto educacional, bem como nos grupos de trabalho da ANPEd. Nesses dois espaços, o tema *bullying* é quase inexistente. Combinando o assunto com a formação de professores (ou docente), há alguns estudos (em torno de 10%) nas DTs. Todavia, ainda não é possível encontrar esse debate tanto nos periódicos quanto nos GTs da ANPEd. A questão cultural e da ética estão igualmente incipientes.

À guisa de conclusão

O objetivo do atual estudo foi identificar as pesquisas sobre *bullying* no Brasil com enfoque em educação, cultura e ética. Considerando a ampla disseminação de debates a respeito do tema, sobretudo a partir de graves episódios de violência, tal como ocorrido recentemente na escola Tássio de Silveira em Realengo, região metropolitana do RJ, o interesse do trabalho esteve centrado em verificar o debate no espaço acadêmico. Partimos do sentido de cultura como prática de significação. Já a ética/ moral a entendemos como hábitos, costumes, orientações que emergem como reiteração, negociação de sentidos e enunciação no contexto das relações. Para o mapeamento, levamos em consideração resumos de dissertações e teses; alguns periódicos e as publicações de reuniões da ANPEd.

No conjunto, consideramos que se trata de uma produção incipiente, cuja publicação acadêmica em educação é muito recente. Embora haja uma volumosa produção de dissertações e teses, que até mesmo supera o campo da psicologia, não contamos ainda com muitos estudos no Brasil em periódicos e na ANPEd que nos permitam referências para um debate tão complexo. Porém, há muitos trabalhos em andamento, o que permite vislumbrar a possibilidade de ampliação deste debate.

No que se refere à cultura, à diferença e à alteridade, pouquíssimos estudos foram encontrados. Apenas uma pesquisa publicada relaciona explicitamente o racismo e a homofobia com as práticas de *bullying*, porém ainda é muito pouco, considerando o contexto em que tais aspectos se articulam. O mesmo pode ser dito para a ética que carece de relações com a temática do ponto de vista da produção em educação. Sendo assim, podemos inferir que há uma grande lacuna a ser explorada: compreender os discursos que visam tanto defender uma proposta *antibullying* na escola quanto entender as concepções daqueles que de alguma maneira a ignora e/ ou a julga ser tema de menor relevância.

Referências

BARROS, J. P. P. **Bullying e discriminação étnico-racial no contexto escolar: recortes de uma pesquisa-intervenção em Fortaleza - Ceará**. 34ª Reunião Anual da ANPED, 2011.

BEAUDOIN, M.; TAYLOR, M. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, 395 p.

CANEN, A.; XAVIER, G. Formação Continuada de Professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas, **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 641- 662, set. /dez. 2011.

CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo editorial, 2003, p. 8- 40.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2 ed. São Paulo: EDUSC, 2002.

DAUSTER, T. Aula realizada na disciplina “Multiculturalismo em Educação”, PPGE da PUC - RJ, agosto de 2011.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação da cultura**. RJ: Editora Guanabara, 1989, p. 13- 41.

GOERGEN, P. **Pós-modernidade, ética e educação**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre revoluções culturais do nosso tempo**. Trad. Thomaz Tadeu da Silva. Educação e realidade, Rio Grande do Sul, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul. / dez. 1997.

_____. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, 410 p.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T.T. (org.). **Identidades e diferenças: a perspectiva dos estudos culturais**. 7 ed. RJ: Vozes, 2007, p. 103- 133.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 97.

LA TAILLE, Y. **Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. de Educação Moral e Tédio: do tédio ao respeito de si. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/site/2010/11/22/educacao-moral-e-tedio-do-tedio-ao-respeito-de-si-educacao-moral-e-formacao-etica-yves-de-la-taille/>. Acesso em: 24/ 03/ 2012.

MEYER, M. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007a.

_____. **Questões de Retórica: Linguagem, Razão e Sedução**. 15 ed. Lisboa: Edições 70, 2007b.

MOITA LOPES, L. P. da. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

OLIVEIRA, R. J. Contribuições da racionalidade argumentativa para a abordagem da ética na escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 115- 130, 2012.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação: A Nova Retórica**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RIBEIRO, W. de G. Multiculturalismo e ética/ moral em educação: a retórica no discurso contra o *bullying*. Rio de Janeiro, 2014, 205 p. Tese (doutorado em educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/ppge/ppge-teses-2014.html>. Acesso em: 10 de novembro de 2015.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 73- 102.

_____. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TUGENDHAT, E. **Lições sobre ética**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VALLS, A. L. M. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ⁱ Utilizo o termo multicultural quando me refiro à concepção política plural do tecido social (RIBEIRO, 2014).

ⁱⁱ *Bullying* é uma palavra de origem estrangeira utilizada com o propósito de explicar aquilo que se compreende como uma humilhação violentadora que se caracteriza por ocorrer ao longo do tempo, não admitindo reciprocidade entre os envolvidos e extrapolando os limites de tolerância dos sujeitos frente à violência impactante da inferiorização (RIBEIRO, 2014).

ⁱⁱⁱ Segundo Hall (1997), um movimento intelectual que compreende que a cultura não é determinada por uma instância superior (estrutura), mas constitui a própria realidade. Em função disso, a linguagem ocupa a centralidade.

^{iv} Categoria desenvolvida por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) que diz respeito à preferência da qualidade em vez da quantidade ou do efêmero em detrimento do durável.

^v O mapeamento se deu em função de limites de produção, incluindo o prazo da tese. Novas pesquisas podem ser realizadas a partir dos anos seguintes.

^{vi} Cf. Ribeiro (2014).

^{vii} Cf. Ribeiro (2014).

^{viii} Cf. Ribeiro (2014).

^{ix} Categoria construída por Canen e Xavier (2011), que indica haver, na pesquisa citada, interesses próximos do multiculturalismo e/ ou a utilização de perspectivas semelhantes, apesar de não mencionar o campo.